



MEEKS, Wayne A. *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos*, trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996, 158 pp.

Meeks em sua introdução nos mostra a importância do estudo que será realizado em sua obra. "A maioria, talvez todos, dos escritos que constituem agora o Novo Testamento, e da mesma forma muitíssimos dos outros escritos cristãos primitivos,



têm por finalidade primeira configurar a vida das comunidades cristãs. Argumentos e normas, com certeza, têm seu lugar nesses escritos, mas falhamos, na compreensão da força dos argumentos e normas, se o tiramos dos contextos em que se situam. A história do movimento cristão primitivo pode-se descrever, portanto, como o desenvolvimento de 'comunidades de discurso moral'. Os primeiros grupos cristãos não existiam em ilhas ou desertos. Viviam em vilas ou cidades. Nas vilas, o comportamento diário era controlado pela rotina da necessidade, pelos ciclos do trabalho sazonal nos campos, pelos costumes imemoráveis. A identidade era questão de família e clã, e a honra da família era uma sanção poderosa afetando toda a escolha. Agir de maneira que trouxesse vergonha para a

própria família e para um membro importante dela, era terrível. Logo o movimento se espalhou para além das vilas da Judéia e da Galiléia. Dentro de poucos anos, a maioria dos grupos cristãos se podia encontrar nas várias cidades em torno do perímetro oriental do Mediterrâneo. Aí, com certeza, a vida era mais diversificada que nas vilas rurais, e os laços do clã e do costume eram menos firmes. Ainda, a vida citadina se desenvolvia no meio da multidão e em público, o mexerico corria pelas vizinhanças e o comportamento de um novo clube, culto ou superstição – como quer que os cristãos foram percebidos – haveria com certeza de ser objeto de curiosidade. Não era que os cristãos, onde quer que vivessem, apenas estivessem sob certa pressão vinda de fora para se confirmar aos padrões da sociedade maior. Estes padrões faziam deles mesmos, parte do que eles eram, da maneira como pensavam e como sentiam. Agora, é verdade que se juntar ao movimento cristão implicava 'conversão' ou o que alguns sociólogos chamam de 'ressocialização'. Ou seja, esperava-se que o tornar-se cristão afetasse alguns dos mais fundamentais relacionamentos, valores, percepções da realidade e mesmo estruturas do eu, que são adquiridos por uma criança no processo do crescimento no seio da família. Assim, os cristãos podiam falar de sua iniciação de várias maneiras, como morte e ressurreição com Cristo, como segundo nascimento, como adoção numa nova família de filhos de Deus. Entretanto, a pessoa jamais poderá apagar ou substituir completamente a socialização primária, e os cristãos não tentaram fazê-lo, apesar de que algumas das



coisas que eles disseram possam nos levar a pensar que o fizeram. Os cristãos, cuja formação moral estamos tentando entender, viveram no mundo dos inícios do império romano, e aquele mundo também vivia neles: em seu pensamento, em sua linguagem, em seus relacionamentos. Para entender a formação moral das comunidades cristãs primitivas, portanto, devemos entender o seu mundo" (p. 8, 9).

A obra de Meeks é constituída de cinco capítulos. O **primeiro capítulo** discute acerca da situação social do Império Romano. A sociedade do império romano era formada em torno da *pólis*. A *pólis*, que traduzimos às vezes por "cidade", às vezes por "estado", às vezes pelo termo composto "cidade-estado" – todos os três enganam – foi invenção única dos gregos. Meeks diz que "a maior parte das formas adequadas de associação humana, desde a do marido e esposa até a de governo e cidadãos, cabe nitidamente dentro da estrutura da *pólis* como um elegante conjunto de caixas chinesas" (p. 16). O autor nesse primeiro capítulo também discorre sobre as implicações político-sociais decorrentes da ampliação das fronteiras do império romano por todo o mundo antigo. Agora o indivíduo se via como cidadão do mundo. O autor analisa também a sociedade do mundo greco-romano e suas estratificações. Ele diz que a sociedade do alto império romano estava dividida muito mais rigidamente que a maior parte das sociedades que a maioria de nós conhecemos. As pessoas tendiam a se identificar entre si e aos outros por suas localizações sociais, e essas localizações na estrutura social afetavam profundamente suas expectativas para si e as expectativas que outros tinham delas.

O **segundo capítulo** mostra a consistência moral das grandes tradições gregas e romanas. Meeks diz que os escritores antigos, ao descreverem sua sociedade, consideram-na em geral de cima para baixo (p. 35). Por essa razão ele foi obrigado a descrever "as grandes tradições" as quais foram cultivadas pela elite instruída. Mas na verdade, como frisa o antropólogo Robert Redfield, a "forma predominante de vida humana através da história da humanidade" tem sido o que ele chama de "a pequena comunidade". Meeks, concorda com o antropólogo, mas, admite que é bastante difícil aprender muita coisa sobre a vida nas pequenas comunidades do passado antigo (p.35). As "grandes tradições" descritas por Meeks nesse capítulo são as tradições filosóficas dos platônicos, dos estóicos, dos cínicos e dos epicureus. No final do capítulo há uma exposição interessante que versa sobre a educação no mundo greco-romano.

O **terceiro capítulo**, mostra as grandes tradições judaicas. Esse capítulo é muito importante àqueles que almejam conhecer a cosmovisão dos judeus contemporâneos a Jesus, ou seja, o leitor irá conhecer um pouco do próprio pensamento de Jesus. Meeks mostra as fontes do pensamento judeu do mundo greco-romano. Algumas dessas fontes são: a sabedoria de Jesus, filho de Sirac a qual se vê refletida nos pensamentos de Jesus e de seus primeiros seguidores. O autor descreve o *ethos* dos qumranitas, mostra os principais pontos do pensamento de Fílon e dos rabis da Mishnah. Todos esses, como mostram as pesquisas históricas e arqueológicas recentes influenciaram em muito a cosmovisão de Jesus e dos seus seguidores. Influenciaram muito mais do que a cultura helenista.

No **quarto capítulo** o autor discute o *ethos* e a ética das comunidades cristãs. Primeiro ele fala da comunidade como uma seita messiânica em Israel. Sua



abordagem se dá de forma progressiva. Primeiro ele mostra que as primeiras comunidades cristãs eram seitas, depois seitas do judaísmo, e finalizando uma seita messiânica judaica. O autor mostra também nesse capítulo a socioecologia da seita crista primitiva. Após examinar o *ethos* e a ética das comunidades cristãs em solo palestino, o autor passa para as comunidades cristãs em solo helenista. Nesse capítulo percebemos que as situações e os contornos de vários grupos do movimento cristão primitivo, que se mudavam à medida que o movimento se desenvolvia, afetaram as formas de os cristãos interpretarem suas tarefas morais. Não só as possibilidades concretas do que podiam fazer, mas também sua própria percepção do que se devia fazer dependiam até certo ponto dos lugares em que se encontravam na diversificada sociedade do império romano. O leque de obrigações e possibilidades não era o mesmo, por exemplo, para um aldeão judeu respondendo a um profeta itinerante do Messias Jesus como para o dependente de um chefe de família abastado em Corinto cuja casa se tornara local de "reuniões" cristãs.

No **último capítulo** de sua obra, Meeks trata da gramática da moral cristã primitiva. Aqui são examinadas as gramáticas morais da primeira carta de Paulo aos tessalonicenses, da primeira carta de Paulo aos coríntios, do Evangelho de Mateus, do apocalipse, da Didaquê e das cartas de Ireneu. Esse capítulo é muito importante para os cristãos atuais, pois ele descreve como se comportavam os membros dessas comunidades, no que acreditavam e como se organizavam e se relacionavam. O conhecimento do *ethos* moral dessas comunidades nos incentivam a tomá-los como exemplos para definirmos qual conduta moral devemos apresentar como cristãos hoje.

Essa obra de Meeks mostra que no movimento cristão, as grandes tradições do passado – da Grécia, de Roma e de Israel – entreteceram-se com as tradições das pequenas comunidades da Galiléia e Judéia e de todas as adjacências da bacia do Mediterrâneo. Contrária, portanto, àqueles pesquisadores que colocam Jesus numa ilha judaica, onde apenas os costumes e as tradições do judaísmo eram conhecidas. Isso não aconteceu. Jesus viveu numa comunidade de pescadores que fornecia matéria-prima para as indústrias de salga, ou seja, ali encontravam-se instalações romanas. Além disso, era um lugar por onde passavam inúmeros caravaneiros e viajantes, pois ali era uma importante rota comercial. Visto isso apenas podemos concluir como certa a influência da cultura helênica sobre Jesus e seus seguidores. Diante do que foi visto nessa importante obra apenas posso recomendar muitíssimo aos estudantes de teologia, bem como aos professores de ética cristã e principalmente para àqueles que pesquisam os primórdios cristãos.

Julio Fontana*

* Aluno de Teologia da PUC-RJ. Articulista das revistas *Inclusividade* do Centro de Estudos Anglicanos e *Teologia e Cultura* da PUC-SP/Paulinas.